



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

KEYLA VIVIANE DO NASCIMENTO ALMEIDA

“Estrelas Além do Tempo”: Cinema, questão racial e relações de gênero.

Itaberaba
2025

KEYLA VIVIANE DO NASCIMENTO ALMEIDA

“Estrelas Além do Tempo”: Cinema, questão racial e relações de gênero.

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação Plena em História, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciada em História, pela Universidade do Estado da Bahia/Campus XIII.

Orientador(a): Josivaldo Pires de Oliveira

“Estrelas Além do Tempo”: Cinema, questão racial e relações de gênero.

Keyla Viviane do Nascimento Almeida.¹

RESUMO

Este artigo faz uma análise crítica e sociológica do filme *Estrelas Além do Tempo* (2016) a partir das relações entre gênero, raça e representação, com base em uma perspectiva interseccional. A investigação busca compreender como a narrativa cinematográfica resgata e reinscreve trajetórias de mulheres negras no campo da ciência e da tecnologia, rompendo com estereótipos e silenciamentos historicamente construídos. A partir da ideia de sortilégio da cor, de Elisa Larkin Nascimento (2003), e das contribuições teóricas de autoras como Kimberlé Crenshaw (1989), Angela Davis (1981), Patricia Hill Collins (2000) e Carla Akotirene (2019), o estudo examina como a sobreposição entre racismo e sexismo condiciona as experiências das protagonistas, revelando as múltiplas formas de exclusão e resistência que marcam suas trajetórias. Utilizando a metodologia da análise fílmica com aporte teórico-crítico, o artigo contextualiza as personagens dentro das lutas por direitos civis nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que propõe paralelos com a realidade brasileira, marcada pelo mito da mestiçagem e pela negação do racismo estrutural. Ao refletir sobre os aspectos simbólicos e políticos da representação audiovisual, o trabalho evidencia como o cinema pode atuar como ferramenta de produção de conhecimento e reconfiguração do imaginário social. Trata-se de uma produção vinculada à pesquisa de conclusão de curso em licenciatura em História, com o objetivo de contribuir para o debate sobre o empoderamento feminino e étnico nas narrativas culturais.

Palavras chaves: Cinema; História; Relação de gênero; Questão Racial.

ABSTRACT

This article presents a critical analysis of the film *Hidden Figures* (2016) through the lenses of gender, race, and representation, adopting an intersectional perspective. The study investigates how the cinematic narrative rescues and repositions the trajectories of Black women in the fields of science and technology, challenging stereotypes and historically constructed silences. Based on the idea of the “color spell” by Elisa Larkin Nascimento (2003), and the theoretical contributions of scholars such as Kimberlé Crenshaw (1989), Angela Davis (1981), Patricia Hill Collins (2000), and Carla Akotirene (2019), the article explores how racism and sexism intersect in shaping the experiences of the film's protagonists. Using film analysis methodology with a critical-historical approach, the research contextualizes the characters within the U.S. civil rights movement, while drawing parallels with the Brazilian context, shaped by the myth of racial democracy and the denial of structural racism. The study highlights the symbolic and political power of cinema as a space for knowledge production and social imagination. This paper is the result of undergraduate historical research for a final course project in History Education.

Keywords: Cinema; History; Gender relations; Racial issues.

¹ Graduanda de História na Universidade do Estado da Bahia.

Introdução

O tema central deste artigo é observar a representação do empoderamento feminino e étnico-racial no produto fílmico, tendo como foco a produção: “Estrelas Além do Tempo” (2016). O cinema possibilita instrumentos reflexão, através da sua forma artística e de reprodução midiática, torna-se capaz de refletir, teorizar, analisar percepções sociais. Estudar essas representações torna-se essencial para compreender como audiovisual podem tanto desafiar quanto perpetuar estereótipos, oferecendo novas perspectivas sobre a história e as lutas sociais.

Estrelas Além do Tempo (2016), dirigido por Theodore Melfi e protagonizado por Taraji P. Henson, Octavia Spencer e Janelle Monáe, retrata a trajetória de três mulheres negras norte-americanas, que durante a década de 1960, desempenharam papéis cruciais na NASA, em meio à segregação racial legalizada e à luta por direitos civis nos Estados Unidos.

Esse período foi marcado por profundas divisões sociais, em que leis como as Jim Crow institucionalizavam a separação racial, impondo barreiras severas a afro-americanos em todos os âmbitos da vida pública e privada. A historiadora Mary Frances Berry (1993) destaca que a segregação não se limitava a políticas públicas, mas se manifestava nas relações cotidianas, afetando o acesso a recursos básicos, oportunidades de emprego e reconhecimento social.

Além da segregação racial, o contexto da década de 1960 apresenta as mulheres, em especial as negras, enfrentando opressões de gênero que restringiam seu acesso a espaços profissionais e educacionais. A socióloga Evelyn Nakano Glenn (1999) aponta que essas barreiras de gênero se entrelaçavam às desigualdades raciais, gerando um sistema interseccional de exclusão. Na NASA, as protagonistas enfrentavam tanto o preconceito racial quanto o sexismo institucional, que as relegava a funções subalternas, minimizando sua competência e relevância. Essa conjunção de opressões cria um cenário complexo para a análise da luta dessas mulheres.

Estrelas Além do Tempo (2016)² é um exemplo especialmente significativo para essa análise devido à sua narrativa centrada em três mulheres negras norte-americanas que superaram barreiras de gênero e raça em um ambiente predominantemente masculino e branco, como a NASA durante a corrida espacial.³ O filme não apenas celebra suas conquistas

² ESTRELAS ALÉM DO TEMPO. Direção: Theodore Melfi. Produção: Donna Gigliotti, Peter Chernin, Jenno Topping, Pharrell Williams e Theodore Melfi. Roteiro: Allison Schroeder e Theodore Melfi. EUA: 20th Century Fox, 2016. 127 min. Drama biográfico.

³ A Corrida Espacial foi o período de intensa competição tecnológica e científica entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria (aproximadamente de 1957 a 1975), marcado por avanços como o lançamento do satélite soviético Sputnik (1957) e a chegada dos norte-americanos à Lua (1969).

individuais, mas também destaca a importância da colaboração e do apoio mútuo em face da adversidade. Ao trazer à tona histórias frequentemente apagadas, a obra contribui para uma discussão mais ampla sobre diversidade e inclusão.

Estudar a representação do empoderamento feminino e racial através do cinema também possibilita a reflexão sobre a representação do próprio negro na História. Filmes como "Estrelas Além do Tempo" têm o potencial de provocar reflexões críticas sobre o passado e constrói interpretações históricas diversas. Além disso, tais representações podem servir como modelos representativo para grupos e movimentos sociais, ilustrando o processo históricos das relações raciais nas diásporas africanas.

O conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989), é fundamental para compreender a complexidade das opressões vividas pelas protagonistas de Estrelas Além do Tempo. Crenshaw propõe que as diferentes dimensões de identidade, como raça, gênero e classe, não atuam isoladamente, mas se entrelaçam, criando experiências singulares de marginalização. Essa abordagem é essencial para analisar personagens que, como Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, enfrentam simultaneamente o racismo institucionalizado e o sexismo cotidiano, o que agrava sua exclusão social e profissional.

Ao investigar as representações socioculturais, é possível compreender como elas refletem e reforçam dinâmicas de poder e identidade na sociedade contemporânea. No ambiente acadêmico, os estudos sobre produções cinematográficas, crítica fílmica e recepção ampliam o debate sobre o papel do cinema e do audiovisual na problematização de questões sociais complexas, como gênero, classe e raça (Davis; Angel, 1981). Nesse contexto, observa-se uma filmografia ainda tímida, mas em crescimento, que busca discutir, por meio da historiografia do cinema, a presença — ou o apagamento — das representações negras.

Ao analisar "Estrelas Além do Tempo", este artigo busca não apenas iluminar as representações de empoderamento no filme, mas também contribuir para a literatura acadêmica que explora a interseção de gênero e raça. Através de uma análise crítica dos discursos narrativos, espera-se que este estudo ofereça possibilidades de relacionar o cinema com a História e discutir as representações dentro de uma perspectiva sócio histórica do filme.

Considerando que o trabalho se insere no campo da Licenciatura em História, a análise aqui proposta também visa contribuir para práticas educativas comprometidas com a valorização da memória, da diversidade e da justiça social, dialogando com os pressupostos da Lei 10.639/2003 e com a necessidade de formação crítica frente às desigualdades estruturais.

Além disso, a relevância deste estudo é ampliada pela necessidade de abordar questões de igualdade, relações interseccionais, questões raciais em um mundo cada vez mais globalizado

e interconectado. Análises como esta não apenas enriquecem o campo de História social, mas também oferecem ferramentas práticas para educadores, cineastas e formuladores de políticas que buscam promover a mudança social. Ao iluminar as complexas interações entre cultura, poder e identidade, este trabalho reforça a importância de continuar a explorar e desafiar as narrativas tradicionais, incentivando um diálogo contínuo sobre diversidade e inclusão na sociedade moderna.

História e Cinema

A relação entre cinema e história revela-se cada vez mais complexa quando consideramos o papel do audiovisual na construção de imaginários históricos, nas formas estéticas e movimentos cinematográficos. O cinema, como linguagem cultural e artística, produz significados que ajudam a formar a memória coletiva e as representações históricas de determinados grupos sociais, podendo ser utilizados como fontes históricas para compreender o passado. Utilizando de autores Marc Ferro (1992) e Robert Rosenstone (2010), com o intuito de aprofundar a discussão planejada.

O historiador Marc Ferro aponta que o cinema deve ser tratado como agente ativo na produção histórica, e essa perspectiva torna-se ainda mais urgente quando aplicada à representação das populações negras e outros grupos sociais. Para o Ferro “o cinema é uma escrita da história, mas também uma escrita do poder, do imaginário e da exclusão” (2010, p. 15). A ausência ou a distorção da presença negra em narrativas fílmicas de cunho histórico denuncia o que o autor chama de "história interdita", na qual certos grupos são sistematicamente invisibilizados, reforçando a importância de buscar referências e representações da presença negra, principalmente dentro de uma perspectiva positiva.

Robert A. Rosenstone (2010), contribui na discussão e na relação entre História e cinema, destacando que os filmes históricos não são apenas meios de representação factual, mas também formas de interpretação e construção simbólica do passado.

Primeiro, o cinema e, mais tarde, o seu rebento eletrônico, a televisão, se tornam, em algum momento do Século XX, o principal meio para transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais ou uma combinação das duas coisas. Filmes, minisséries, documentários e docudramas históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história. (ROSENSTONE, 2015, p.17).

Como aponta o autor acima, os filmes mesmo como recorte factual, constrói um movimento simbólico em torno do passado. As narrativas elas são estruturadas em um tempo e espaço e direcionam alguns aspectos e contextos em torno do social. Outro aspecto importante em torno das questões históricas é a produção do filme, por que o filme retrata um tempo histórico outro, e não o seu tempo histórico? O que do passado interessa aos cineastas e como podemos aprender com esse movimento de câmera no tempo.

Ao incorporar personagens negros ou retratar eventos históricos vinculados à escravidão e à diáspora africana, os filmes podem oferecer perspectivas alternativas à historiografia oficial. No entanto, o papel dos filmes não é criar uma nova historiografia, mas, tencionar as narrativas oficiais, visto que os filmes perpassam por aspectos ficcionais e estéticos.

O cinema histórico é uma construção cultural que reflete os valores e tensões do tempo em que é produzido. Assim, a forma como os corpos negros são enquadrados, os papéis que lhes são atribuídos e as vozes que lhes são permitidas revelam muito sobre o contexto histórico-social da produção. Segundo Sorlin o filme deve ser analisado como uma construção que diz mais sobre a época em que foi feito do que sobre a época que representa (1985, p. 42). Desta forma, conseguimos perceber que esse cinema histórico é uma necessidade dos tempos presentes.

Devemos compreender que a relação entre cinema e história não se configura como retrato verossímil da realidade como pensava os primeiros teóricos do cinema, André Bazin, e sim compreender a forma cinematográfica, como esse filme está sendo produzidos, e quais as questões sociais que está sendo apresentada através da narrativa e forma fílmica. Como o expectador se conecta com essa história e seus discursos.

Estrelas Além do Tempo (2016), dirigido por Theodore Melfi, retrata a história real de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, três matemáticas negras que atuaram na NASA durante a Corrida Espacial, nos anos 1960. Ambientado no contexto da Guerra Fria e do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o filme expõe as barreiras de gênero e raça enfrentadas por essas mulheres em um ambiente de trabalho predominantemente masculino e branco. A narrativa combina o avanço tecnológico e científico da época com o retrato das tensões sociais, destacando como suas contribuições foram essenciais para o sucesso de missões espaciais, incluindo o lançamento de John Glenn à órbita terrestre.

Ao trazer protagonistas negras para o centro de um marco científico e histórico, o filme rompe com a invisibilidade frequentemente observada na historiografia e no cinema tradicional. Em uma cena onde Mary Jackson se dirige ao tribunal para solicitar ao Juiz uma autorização para realizar o curso de engenharia, curso este predominantemente masculino, Mary convence

ao Juiz com argumentos plausíveis que a deixe ingressar no curso, logo após a conclusão ela se tornou a primeira engenheira negra da NASA.

Amy Bix (2013) ressalta que West Point (Academia Militar dos Estados Unidos) que até 1976 não admitia mulheres, foi o primeiro lugar nos Estados Unidos a ensinar engenharia. Basicamente, a engenharia se tornou um conjunto de tradições que associavam-se à masculinidade e isso persistiu até o século XX, a obra evidencia não apenas a competência técnica dessas profissionais, mas também sua resiliência diante da segregação racial institucionalizada, revelando que a luta por reconhecimento e igualdade se deu tanto nos corredores da NASA quanto nas ruas em transformação social. Nesse sentido, *Estrelas Além do Tempo* articula memória, identidade e justiça, tornando-se um exemplo de como o cinema pode revisitar o passado para questionar e reconfigurar narrativas históricas.

Dessa forma, a articulação entre cinema e história, quando ampliada para incluir as dimensões raciais e de gênero, revela-se como um campo fértil para a análise crítica da memória e da representação. Os autores discutidos aqui demonstram que o cinema é um meio privilegiado para narrar o histórico, mas também um espaço onde se travam embates em torno da identidade, da justiça e da visibilidade racial. Nesse sentido, pensar a história a partir do cinema implica não apenas refletir sobre o passado, mas também sobre os modos de narrar e disputar os sentidos históricos no presente.

Relações de Gênero e Raça/Cor na historiografia brasileira: Entre o Sortilégio da Cor e o Cinema como Contra discurso.

Observar as relações étnico-raciais no Brasil exige compreender como a estrutura racial foi historicamente construída e naturalizada por meio de discursos ideológicos como o da “mestiçagem”. Essa narrativa, consolidada sobretudo no século XX, apresentou a mistura racial como traço harmonioso da identidade nacional, ao mesmo tempo em que operou como um dispositivo de apagamento das violências do racismo e das identidades negras.

Na obra *O sortilégio da cor* (2003), Elisa Larkin Nascimento desvela os mecanismos sutis e estruturais do racismo no Brasil, com foco na ideologia da mestiçagem como ferramenta de negação da negritude. A autora denuncia que o discurso da “democracia racial” serve para manter hierarquias raciais enquanto dissimula a existência de preconceito e desigualdade. Essa lógica também se expressa nas representações culturais, nas quais a mulher negra aparece como invisível ou hipervisível de forma estigmatizada. A autora afirma que “a opressão da mulher negra é mais profunda porque junta dois elementos de exclusão: sua negritude e sua condição

feminina” (LARKIN NASCIMENTO, 2003, p. 112). Essa sobreposição de opressões contribui para o silenciamento dessas mulheres nos registros históricos e nas narrativas institucionais.

A essa crítica soma-se o conceito de interseccionalidade⁴, formulado por Kimberlé Crenshaw (1989) e desenvolvido no Brasil por autoras como Carla Akotirene (2019), que permite compreender como raça, gênero e classe se entrelaçam para produzir formas específicas de subalternização. Essa abordagem é essencial para entender as múltiplas camadas de exclusão enfrentadas pelas mulheres negras.

Diante desse cenário de apagamento simbólico, o filme *Estrelas Além do Tempo* (2016) emerge como um potente contra-discurso cinematográfico, ao narrar a trajetória real de três mulheres negras que atuaram na NASA durante os anos 1960 — período marcado pela segregação racial nos Estados Unidos. A presença dessas personagens negras em espaços de ciência e tecnologia rompe estereótipos e reinscreve suas histórias no centro do imaginário histórico de uma das instituições mais emblemáticas da modernidade.

A interseção entre raça, gênero e saber técnico é um dos pontos fortes do filme, dialogando diretamente com os conceitos de Larkin sobre exclusão simbólica. As protagonistas — Katherine, Dorothy e Mary — enfrentam múltiplas barreiras: o racismo institucionalizado, o sexismo cotidiano e a desvalorização de sua inteligência. Essas experiências ecoam a análise de Angela Davis (1981) sobre a condição histórica das mulheres negras como trabalhadoras invisíveis e, ao mesmo tempo, indispensáveis. Da mesma forma, a crítica de Patricia Hill Collins (2000) ressoa aqui, ao afirmar que as mulheres negras constroem saberes próprios a partir de suas vivências, mesmo em contextos hostis. No Brasil, autoras como Carla Akotirene (2019), ao sistematizar a categoria de interseccionalidade no contexto brasileiro, e Sueli Carneiro (2003), ao discutir o racismo estrutural e o sexismo como formas interdependentes de opressão, reforçam a importância de compreender como essas múltiplas dimensões se entrelaçam na vida de mulheres negras, tanto no campo científico quanto nas representações culturais.

As cenas em que Katherine é forçada a caminhar longas distâncias para usar um banheiro “adequado”, ou em que Dorothy exerce funções de chefia sem reconhecimento formal, ilustram como a cor da pele continua a operar como marcador social de exclusão, mesmo diante de competência técnica evidente. Essas situações exemplificam o funcionamento da

⁴ Interseccionalidade foi proposto inicialmente por Kimberlé Crenshaw (1989), ao analisar como as mulheres negras enfrentam formas múltiplas e simultâneas de discriminação que não podem ser explicadas isoladamente por categorias como gênero ou raça.

interseccionalidade na prática, revelando como os sistemas de opressão não atuam isoladamente, mas de forma combinada.

Além de sua dimensão narrativa, *Estrelas Além do Tempo* atua também como uma reconfiguração do imaginário racial. Como lembra Stuart Hall (2016), as representações culturais não apenas refletem o real, mas o constroem. O filme tenciona os modos tradicionais de representação da mulher negra no cinema hollywoodiano, desafiando os códigos visuais que, conforme argumenta Laura Mulvey (1989), frequentemente fetichizam ou apagam os corpos femininos — especialmente os corpos racializados.

Nesse sentido, a centralidade das personagens não apenas subverte os estereótipos dominantes, como também realiza um gesto de reparação simbólica⁵. As protagonistas são apresentadas como cientistas, mães, líderes e educadoras, reforçando a multiplicidade de papéis exercidos pelas mulheres negras e desafiando sua exclusão histórica. Esse movimento está em consonância com a proposta de Patricia Hill Collins (2000) de valorizar os saberes afrodescendentes como legítimos e centrais para a formação social.

Embora ambientado nos Estados Unidos, o filme permite refletir sobre a realidade brasileira, onde, segundo Larkin Nascimento e Akotirene, o mito da mestiçagem ainda opera como barreira simbólica para o reconhecimento das desigualdades raciais. A experiência das personagens nos Estados Unidos evidencia que o enfrentamento direto da exclusão, ainda que doloroso, pode abrir espaço para narrativas transformadoras.

Estrelas Além do Tempo representa mais do que uma homenagem às trajetórias esquecidas de mulheres negras na ciência. Ao trazer essas histórias à luz, o filme atua como um instrumento de disputa de memória e transformação epistemológica. Ele responde, com imagens, ao que Elisa Larkin Nascimento denunciou como sortilégio da cor — o encantamento ideológico que mascara a estrutura racista sob o véu da harmonia.

Ao reinscrever mulheres negras como protagonistas da história científica e institucional da modernidade, o filme contribui para a desconstrução de narrativas hegemônicas e para a produção de um novo repertório simbólico. Trata-se de um gesto ético e político de reconhecimento e visibilização, que reafirma o direito dessas mulheres de ocuparem o centro das narrativas históricas e culturais que ajudaram a construir.

Análise do Filme: Interseccionalidade, Representação e Cinema como Disputa Histórica.

⁵ Conforme discutem autoras como Sueli Carneiro (2003) e Ana Flávia Magalhães Pinto (2018), a reparação simbólica diz respeito a ações no campo cultural, educativo e político que buscam restaurar, no imaginário social e na memória coletiva.

O livro de Margot Lee Shetterly (2016), base para o filme, revela que Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson não foram apenas profissionais competentes, mas pioneiras que abriram caminhos para mulheres e minorias no campo científico e tecnológico. Elas desafiaram normas sociais rígidas e conquistaram reconhecimento em uma época em que o ambiente de trabalho era dominado por homens brancos. Dessa forma, o filme se posiciona como uma narrativa histórica que ilumina tanto as adversidades quanto as contribuições dessas mulheres, ampliando o entendimento sobre os processos de segregação, resistência e empoderamento.

Patricia Hill Collins (2000) amplia essa perspectiva ao destacar que as mulheres negras constroem saberes e estratégias de resistência a partir de suas vivências específicas dentro de uma matriz de dominação interligada. Essa produção de conhecimento negro feminista reconhece que as opressões são interdependentes e reforçadas mutuamente, o que requer uma análise que vá além das categorias isoladas. Assim, a interseccionalidade não é apenas uma ferramenta analítica, mas também uma forma de valorizar o conhecimento produzido pelas mulheres negras em contextos adversos.

Além disso, Bell Hooks (1984) ressalta a importância de entender essas interseções para formular formas de resistência verdadeiramente inclusivas. Segundo Hooks, o reconhecimento das múltiplas opressões é imprescindível para que os movimentos sociais possam abarcar a diversidade de experiências e construir solidariedades efetivas. No filme, essa interseccionalidade se manifesta nas estratégias das protagonistas para conquistar espaço e reconhecimento, desafiando a lógica excludente da NASA e da sociedade americana da época.

A análise fílmica aplicada a Estrelas Além do Tempo permite identificar como o cinema constrói visualmente as narrativas de opressão e resistência. Bordwell (1985) argumenta que a análise dos elementos narrativos, visuais e estéticos revela como o filme articula temas complexos, usando recursos como montagem, enquadramentos e diálogos para comunicar a tensão entre exclusão e afirmação das protagonistas. A cena em que Katherine Johnson precisa caminhar longas distâncias para usar o banheiro segregado exemplifica não apenas a segregação física, mas a opressão simbólica que marca sua experiência.

Nichols (2010) enfatiza que o cinema tem o poder singular de dramatizar e visibilizar experiências humanas, o que neste caso possibilita ao espectador uma imersão nas barreiras impostas pelo racismo e sexismo institucionalizados. Ao colocar as protagonistas no centro da narrativa, o filme subverte representações tradicionais que marginalizam mulheres negras, oferecendo uma representação empoderada que desafia o olhar hegemônico dominante. Essa

reconfiguração do imaginário racial no cinema contribui para ampliar a compreensão social sobre as contribuições dessas mulheres.

Além disso, o diálogo do filme com a teoria do "sortilégio da cor" de Larkin Nascimento (2003) revela como a narrativa cinematográfica atua para desconstruir o mito da democracia racial e expor a persistência do racismo estrutural. Rosenstone (2010) e Ferro (1992) apontam que o cinema é uma forma de disputa pela memória e pelo que é considerado histórico. *Estrelas Além do Tempo* assume essa função ao reinscrever mulheres negras como protagonistas da história da ciência, contrapondo-se ao apagamento simbólico praticado por discursos hegemônicos e promovendo uma revisão ética e política do passado.

No contexto brasileiro, essa reapropriação do passado e a valorização da história das populações negras ganham especial relevância diante da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. O filme, ao retratar histórias muitas vezes invisibilizadas, torna-se uma ferramenta pedagógica poderosa para promover o conhecimento e a reflexão sobre as múltiplas opressões e resistências negras. A articulação entre cinema, educação e legislação reforça a importância de incorporar produções audiovisuais que dialoguem com a interseccionalidade e contribuam para a formação crítica dos estudantes, ampliando o alcance dos debates sobre raça, gênero e memória histórica no ambiente escolar.

Considerações Finais

Concluir um artigo que propõe a análise crítica do empoderamento feminino e racial através do cinema, tomando como objeto o filme *Estrelas Além do Tempo* (2016), requer refletir sobre o alcance simbólico e pedagógico da linguagem audiovisual na construção de narrativas históricas. A partir da abordagem interseccional proposta por Crenshaw (1989) e desenvolvida por autoras como Patricia Hill Collins (2000), Carla Akotirene (2019) e bell hooks (1984), foi possível demonstrar como as personagens principais — mulheres negras em posição de subalternidade institucional — enfrentam simultaneamente o racismo e o sexismo em um ambiente altamente hierarquizado como a NASA dos anos 1960. A análise fílmica permitiu compreender como essas mulheres, ao resistirem a essas formas de opressão, protagonizam estratégias de sobrevivência, autonomia e construção de saber, como enfatizado por Elisa Larkin Nascimento (2003).

A narrativa cinematográfica, portanto, adquire um papel fundamental como ferramenta de disputa simbólica. Ao apresentar personagens negras como protagonistas de uma história ligada à ciência e ao progresso tecnológico — campos dos quais elas historicamente foram excluídas —, o filme contribui para reconfigurar o imaginário social e cultural que associa

certos espaços de poder e conhecimento a corpos masculinos e brancos. Em diálogo com autores como Nichols (2010) e Hall (2016), entende-se que o cinema não apenas reflete a realidade, mas a molda, participa da constituição das identidades e atua como prática discursiva. Ao iluminar experiências até então invisibilizadas, *Estrelas Além do Tempo* tenciona os discursos hegemônicos e promove uma reconstrução simbólica da história por meio de imagens afirmativas.

Entretanto, é preciso reconhecer que a análise se concentrou em uma única obra de contexto norte-americano e, portanto, carece de um recorte comparativo com outras produções que abordem o empoderamento de mulheres negras em realidades diversas, como no cinema brasileiro ou africano contemporâneo. Essa limitação metodológica não diminui a relevância do estudo, mas aponta para desdobramentos futuros que aprofundem a relação entre interseccionalidade, representação fílmica e pedagogia antirracista.

Dessa forma, conclui-se que *Estrelas Além do Tempo* não é apenas um testemunho de trajetórias individuais de superação, mas uma narrativa coletiva de resistência que denuncia os mecanismos de opressão racial e de gênero, ao mesmo tempo que reivindica um novo lugar para as mulheres negras na história. Seu estudo, portanto, se apresenta como uma possibilidade concreta de articulação entre cinema, ensino e crítica social, reforçando o potencial transformador da arte na construção de uma sociedade mais equitativa e representativa.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BIX, Amy Sue. *Girls Coming to Tech! A History of American Engineering Education for Women*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

BORDWELL, David. *A narrativa no filme de ficção*. São Paulo: Edusp, 1995. (Tradução da obra original: *Narration in the Fiction Film*, 1985.)

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. (Tradução de: *Black Feminist Thought*, 2000.)

CRENSHAW, Kimberlé. Desmarginalizando a interseção de raça e gênero: uma crítica feminista negra à doutrina de antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista. *Fórum Jurídico da Universidade de Chicago*, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

DAVIS, Angela Y. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tradução de: *Women, Race & Class*, 1981.)

FERRO, Marc. *Cinema e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Tradução de: *Feminist Theory: From Margin to Center*, 1984.)

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2003.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2010.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

REZNIK, Gabriela et al. Representações de gênero na mídia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 13–34, jan./abr. 2017. DOI: 10.1590/1806-9584.2017v25n1p13.

ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

SORLIN, Jean-Pierre. *Le film: un objet historique*. Paris: Aubier Montaigne, 1985.

STAM, Robert. *Teoria do filme: uma introdução*. São Paulo: Cosac Naify, 2000. (Tradução de: *Film Theory: An Introduction*, 2000.)